

É CRISTO QUE PASSA

JOSEMARIA ESCRIVÁ

É CRISTO QUE PASSA

7ª edição

Tradução
Emérico da Gama



QUADRANTE

Título original
ES CRISTO QUE PASA

Copyright © 2009 Fundación Studium

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Escrivá de Balaguer, Josemaria, 1902-1975

É Cristo que passa / São Josemaria Escrivá de Balaguer; tradução de Emérico da Gama — 7ª ed. — São Paulo : Quadrante, 2026.

Título original: *Es Cristo que pasa.*

ISBN: 978-85-7465-587-1 (capa branca)

ISBN: 978-85-7465-369-3 (capa tradicional)

1. Sermões I. Título.

CDD-252

Índice para catálogo sistemático:

1. Homilias : Cristianismo 252

2. Sermões : Cristianismo 252

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA

Rua Bernardo da Veiga, 47 — Tel.: 11 3873-2270

CEP 01252-020 — São Paulo — SP

www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	9
A VOCAÇÃO CRISTÃ.....	21
ADVENTO	
Os Apóstolos, homens comuns	22
Já é hora de despertar.....	25
A misericórdia de Deus.....	28
Correspondência humana	30
O sal da mortificação.....	31
A fé e a inteligência.....	33
A esperança do Advento	35
O TRIUNFO DE CRISTO NA HUMILDADE.....	37
NATAL	
Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito homem	38
Sentido divino do caminhar terreno de Jesus.....	39
Passou pela terra fazendo o bem	42
Cumpriu a vontade de seu Pai-Deus.....	47
O MATRIMÔNIO, VOCAÇÃO CRISTÃ	51
SAGRADA FAMÍLIA	
Santidade do amor humano	54
Lares luminosos e alegres	58
NA EPIFANIA DO SENHOR.....	63
EPIFANIA	
O caminho da fé.....	64
Firmeza na vocação.....	66
Bom pastor, bom guia	68
Ouro, incenso e mirra.....	70
Sancta Maria, Stella Orientis.....	75

NA OFICINA DE JOSÉ.....	77
SÃO JOSÉ	
A figura de São José no Evangelho	78
A fé, o amor e a esperança de José	80
Santificar o trabalho, santificar-se no trabalho, santificar com o trabalho	84
Para servir, servir	89
O convívio de José com Jesus	93
A CONVERSÃO DOS FILHOS DE DEUS	97
QUARESMA	
A arriscada segurança do cristão.....	98
O tempo oportuno	100
As tentações de Cristo	104
Filiação divina.....	108
O RESPEITO CRISTÃO PELA PESSOA E PELA SUA LIBERDADE.....	114
QUARESMA	
Os falsos juízos	115
Direito à intimidade	117
Colírio nos olhos.....	121
Respeito e caridade.....	123
A LUTA INTERIOR.....	125
DOMINGO DE RAMOS	
Paz na terra.....	126
Luta, compromisso de amor e de justiça	127
Luta incessante	128
A luta interior.....	130
Os sacramentos da graça de Deus	133
Responsabilidade dos pastores	137
Hoje e ontem.....	139
A EUCARISTIA, MISTÉRIO DE FÉ E DE AMOR.....	141
QUINTA-FEIRA SANTA	
A alegria da Quinta-Feira Santa	143
A Eucaristia e o mistério da Trindade	144
A Santa Missa na vida do cristão.....	147
A intimidade com Jesus Cristo	153

A MORTE DE CRISTO, VIDA DO CRISTÃO	157
SEMANA SANTA	
A morte de Cristo chama-nos a uma plena vida cristã.....	159
O cristão perante a história humana.....	162
Aprofundar no sentido da morte de Cristo	165
CRISTO PRESENTE NOS CRISTÃOS.....	168
PÁSCOA	
Jesus Cristo, fundamento da vida cristã.....	170
Contemplação da vida de Cristo	173
Aplicação à nossa vida corrente.....	178
A ASCENSÃO DO SENHOR AOS CÉUS.....	185
ASCENSÃO	
Intimidade com Jesus Cristo no Pão e na Palavra.....	186
Vida de oração	188
Apostolado, corredenção.....	190
O trigo e o joio	194
Semeadura de paz e de alegria	197
A vida futura	199
O GRANDE DESCONHECIDO.....	201
PENTECOSTES	
Atualidade do Pentecostes.....	203
Força de Deus e fraqueza humana	205
Dar a conhecer Cristo	209
Privar com o Espírito Santo.....	213
POR MARIA, A JESUS	219
MÊS DE MAIO	
Mãe de Cristo, Mãe dos cristãos	221
Relação de intimidade com Maria.....	224
Fazer-se criança no amor a Deus.....	226
Junto de Maria, sentimo-nos irmãos.....	228
Ser apóstolo de apóstolos.....	230
NA FESTA DO CORPUS CHRISTI	235
CORPUS CHRISTI	
O pão da vida eterna.....	236
Uma vida nova	238
Comunicar-se com Jesus pela Palavra e pelo Pão.....	239

Fecundidade da Eucaristia	240
O pão e a ceifa: comunhão com todos os homens.....	242
O otimismo cristão	245
O CORAÇÃO DE CRISTO, PAZ DOS CRISTÃOS	250
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS	
Conhecer o Coração de Cristo Jesus.....	251
A verdadeira devoção ao Coração de Cristo.....	254
Levar aos outros o amor de Cristo.....	257
A paz de Cristo.....	261
A VIRGEM SANTA, CAUSA DA NOSSA ALEGRIA.....	266
ASSUNÇÃO	
Mistério de amor	267
O mistério do sacrifício silencioso	268
Imitar Maria.....	269
A escola da oração	271
Mestra de apóstolos.....	273
Uma única receita: santidade pessoal	275
A alegria cristã	276
CRISTO-REI	280
CRISTO-REI	
Oposição a Cristo	281
Cristo, Senhor do mundo.....	282
O reino na alma	284
Reinar servindo.....	286
Cristo no cume das atividades humanas.....	287
A liberdade pessoal.....	289
Serenos, filhos de Deus.....	291
Anjos de Deus.....	294

APRESENTAÇÃO

Ao iniciar estas páginas de apresentação do primeiro volume de *Homílias* de mons. Josemaria Escrivá, vêm-me à memória umas palavras que tive oportunidade de lhe ouvir em múltiplas ocasiões, perante pessoas de muitos países e de todas as condições sociais: *Eu sou um sacerdote que só fala de Deus*. O Fundador do Opus Dei recebeu o Santo Sacramento da Ordem no dia 28 de março de 1925. Durante este quase meio século, *ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur* (Hebr. V, 1), escolhido dentre os homens, escolhido para benefício das almas, fez com que a vida cristã fosse uma realidade diária, entranhável, na inteligência e no coração de um número já incalculável de pessoas.

A fecundidade do sacerdócio cristão, que só se explica por razões sobrenaturais, derramou-se numa pregação incansável. Com razão escreveu ele que *a grande paixão dos sacerdotes do Opus Dei é a pregação*. Desde 1925, mons. Escrivá vem realizando um intenso trabalho pastoral: primeiro — por pouco tempo —, em paróquias rurais; mais tarde, em Madri, principalmente nos bairros pobres e nos hospitais; na década de trinta, por toda a Espanha; a partir de 1946, quando fixou residência em Roma, com pessoas de todo o mundo.

Falando de Deus, aproximando os homens do Senhor: foi assim que o vi sempre, desde que o conheci, em 1934.

Catequese, recolhimentos e retiros espirituais, direção de almas, cartas breves e incisivas, que em seus traços rápidos e definidos levavam a paz a muitas consciências. Nos primeiros meses de 1936, chegou a ficar doente; os médicos diagnosticaram apenas cansaço. Havia ocasiões em que pregava dez horas diárias. O clero de quase todas as dioceses espanholas escutou a sua palavra; os bispos chamavam-no, e ele percorria o país, à sua própria custa — naqueles trens da época —, sem outra remuneração além da amorosa obrigação de falar de Deus.

“Dentre as lembranças que agora me vêm à memória, com viva atualidade — escreveu certa vez —, destaca-se uma dos meus tempos de jovem sacerdote. Desde então, davam-me com não pouca frequência dois conselhos unânimes para *fazer carreira*: primeiro, não trabalhar, não desenvolver demasiada atividade apostólica, porque isso suscita invejas e cria inimigos; e, depois, não escrever, pois tudo o que se escreve — mesmo que se escreva com precisão e clareza — costuma ser mal interpretado. Dou graças a Deus Nosso Senhor por nunca ter seguido esses conselhos, e estou contente por não me ter tornado sacerdote para *fazer carreira*”.

Eu diria que mons. Escrivá, sem seguir nenhum desses dois *conselhos*, esqueceu sobretudo o primeiro: o de *não trabalhar*. Foi precisamente essa atividade apostólica diária que não lhe permitiu escrever mais para o bem de tantas almas. Autor de livros de espiritualidade difundidos em todo o mundo — como *Caminho* e *Santo Rosário* — e de finos estudos jurídicos e teológicos — como *La Abadesa de las Huelgas* —, escreveu sobretudo numerosas e extensas cartas, Instruções, Glosas etc., dirigidas aos fiéis do Opus Dei, tratando exclusivamente de temas espirituais. Avesso a qualquer forma de propaganda, raras vezes acedeu aos numerosos e constantes pedidos de entrevistas, por parte da imprensa, rádio e televisão de muitos países. Essas poucas entrevistas, que foram uma exceção, estão reunidas no

livro *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá**, também traduzido para as principais línguas.

De toda a vasta catequese que tem sido a sua pregação durante quase cinquenta anos de sacerdócio, existe um abundante material inédito. Neste volume, publica-se uma pequena parte: algumas das homilias pronunciadas a propósito de festas litúrgicas.

Apresentar estas *Homilias* é supérfluo. A palavra e a alma sacerdotal do autor são sobejamente conhecidas, e nada de novo saberia eu dizer, que não se pudesse deduzir imediatamente da leitura de qualquer uma delas. Mas talvez se possam destacar algumas das suas características constantes.

Em primeiro lugar, a profundidade teológica. Estas *Homilias* não constituem um tratado teológico, no sentido corrente da expressão. Não foram concebidas como um estudo ou um trabalho de pesquisa sobre temas específicos; foram pronunciadas de viva voz, perante pessoas das mais diversas condições culturais e sociais, com esse *dom de línguas* que as torna acessíveis a todos. Mas são pensamentos e considerações entretecidos no conhecimento assíduo e amoroso da palavra divina.

Observe-se, por exemplo, como o autor comenta o Evangelho. Não é nunca um texto para a erudição, nem um lugar comum para citações. Cada versículo foi meditado muitas vezes, e, nessa contemplação, descobriram-se luzes novas, aspectos que tinham permanecido velados durante séculos. A familiaridade com Nosso Senhor, com sua Mãe, Santa Maria, com São José, com os primeiros doze Apóstolos, com Marta, Maria e Lázaro, com José de Arimateia e Nicodemos, com os discípulos de Emaús, com as Santas Mulheres, é algo vivo, consequência e resultado de uma conversa ininterrupta, desse *introduzir-se* nas cenas do Santo Evangelho para ser *um personagem mais*.

(*) Cfr. 4ª edição brasileira, Quadrante, São Paulo, 2016.

Por isso não surpreende a coincidência dos comentários de mons. Escrivá com os dos primeiros escritores cristãos, feitos há mais de quinze séculos. As citações dos Padres da Igreja surgem assim engastadas com toda a naturalidade no texto das *Homílias*, em fiel sintonia com a Tradição da Igreja.

A segunda característica é a conexão imediata que se estabelece entre a doutrina do Evangelho e a vida do simples cristão. Em nenhum momento as *Homílias* se situam num terreno desencarnado, abstrato; há sempre teoria, mas em contínua ligação com a vida. Mons. Escrivá não se dirige — deve-se ter presente que são textos falados — a um auditório de mentes especulativas, de curiosos da espiritualidade cristã. Fala a pessoas de carne e osso, que já têm a vida de Deus na alma, ou que vislumbram o amor divino e estão dispostas a aproximar-se dele.

Também não fala a um público especializado — mulheres, homens, estudantes, operários, profissionais...; fala sempre a todos ao mesmo tempo, porque está convencido de que a palavra de Deus, quando pregada com base no amor de Cristo, encontra sempre os caminhos para chegar a cada coração, um a um; e de que o Espírito Santo põe em cada alma essas moções íntimas, que não se percebem de fora, para que a semente caia em boa terra e dê o cento por um.

A terceira característica diz respeito ao estilo. Talvez seja a menos importante, mas não é possível silenciar a linguagem direta, simples, de uma amenidade inconfundível. Nota-se sempre um delicado cuidado com a correção gramatical e literária, embora o autor não submeta o conteúdo à forma. A força e o vigor do que diz dão lugar a um estilo sereno e claro, que não recorre a efeitos facilmente emotivos. Também não pretende deslumbrar; quer apenas ser o veículo imprescindível para que cada alma se situe diante de Deus e tire consequências e propósitos concretos para a sua vida diária.

As *Homílias* deste volume abrangem todo o ano litúrgico, desde o Advento até à festa de Cristo-Rei. Não é possível resumir em poucas palavras um conteúdo tão amplo e, ao mesmo tempo, tão rico em matizes. Mas talvez se possam descobrir os fios condutores de todas estas meditações em voz alta.

O nervo central é o sentido da filiação divina, constante na pregação do Fundador do Opus Dei. O autor faz-se eco continuamente da doutrina de São Paulo: *Todos aqueles que se guiam pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes ainda no temor, mas o espírito de adoção, em virtude do qual clamamos: Abba, Pai! Porque o próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. E, se filhos, também herdeiros; herdeiros de Deus, e co-herdeiros com Jesus Cristo, contanto que padeçamos com Ele, para com Ele sermos glorificados* (Rom. VIII, 14-17).

Neste texto trinitário — a Santíssima Trindade é outro dos temas frequentes nestas *Homílias* —, indica-se o caminho que, pelo Espírito Santo, conduz ao Pai. O caminho é Jesus Cristo, que é Irmão, amigo — o Amigo —, Senhor, Rei, Mestre. A vida cristã baseia-se assim numa relação contínua com Cristo; e essa relação tem lugar na vida diária, sem que ninguém tenha de afastar-se do lugar em que se encontra. Como? Mons. Escrivá resume-o em dois traços: *pelo Pão e pela Palavra*.

O Pão é a Eucaristia. O Fundador do Opus Dei considera a Santa Missa como o *centro e a raiz da vida cristã*. Não é um acontecimento transitório, mas realidade sobrenatural e perene, que informa todos os momentos do dia. Duas homílias se referem em cheio a este mistério central do cristianismo: *A Eucaristia, mistério de fé e de amor e Na festa do Corpus Christi*. “O nosso Deus — escreve — decidiu permanecer no Sacrário para nos alimentar, para nos fortalecer, para nos divinizar, para dar eficácia

às nossas tarefas e ao nosso esforço. Jesus é simultaneamente o semeador, a semente e o fruto da semeadura: o Pão da vida eterna”.

A Palavra é a oração. Deus fala e nós o escutamos; Deus escuta e nós lhe falamos. Uma oração constante, como o pulsar do coração, como o respirar da alma enamorada. “Por isso, quando um cristão envereda por este caminho da relação ininterrupta com o Senhor — que é caminho para todos, não uma senda para privilegiados —, a vida interior cresce, segura e firme; e fortifica-se no homem essa luta, amável e exigente ao mesmo tempo, por realizar até o fundo a vontade de Deus”.

O homem é depositário de inúmeros tesouros divinos: recebe realmente Cristo, o seu Corpo, o seu Sangue, a sua Alma e a sua Divindade; é templo do Espírito Santo; nele habita a Santíssima Trindade. Mas trazemos esses tesouros *in vasis fictilibus* (II Cor. IV, 7), em vasos de barro. E, como que em surdina, mas incansavelmente, o autor insiste: humildade. Não uma virtude triste, sem esperança. Humildade que é verdade: conhecimento da pequenez humana em face da infinita grandeza de Deus. Mas também conhecimento de que o Senhor se recreia na sua criatura, de que Ele quer que o cristão se *endeuse*, com um *endeusamento bom*.

Toda a vida humana — a vida corrente, com as suas alegrias e dissabores, com os risos e as pequenas tragédias diárias, caseiras — adquire uma nova dimensão: “a altura; e com ela, o relevo, o peso e o volume” (*Caminho*, 279). É o contínuo ensinamento do Fundador do Opus Dei: “Asseguro-vos, meus filhos — disse numa homilia pronunciada em 1967, perante quarenta mil pessoas —, que, quando um cristão desempenha com amor a mais intrascedente das ações diárias, dela transborda a transcendência de Deus. Por isso vos tenho repetido, com um insistente martelar, que a vocação cristã consiste em transformar em poesia heroica a prosa de cada dia”.

As *Homílias* estão repletas desta vinculação das preocupações mais comuns e, por isso mesmo, mais humanas, com a transcendência de Deus. Estes textos situam-se — serenamente, sem polêmica — fora dessas visões esquizofrênicas que concebem a santidade no equilíbrio instável de uma vida dupla: a normal e a espiritual. Ao mesmo tempo, repelem também a tentação de *espiritualizar* de tal modo as coisas humanas, que se vejam privadas da sua complexidade, daquilo que mons. Escrivá chama *o risco da liberdade*: “Na linha do horizonte, meus filhos, parecem unir-se o céu e a terra. Mas não; onde verdadeiramente se unem é nos vossos corações, quando viveis santamente a vida diária”.

Viver santamente a vida diária: com honradez humana e cristã, com sentido sobrenatural. Se toda a vida é oração — diálogo com Deus, pelo Pão e pela Palavra —, o homem pode perceber que o trabalho — a sua atividade ordinária, aquela que preenche quase todas as horas do dia — é também uma prece contínua. O trabalho, santificado, santifica e é oportunidade para que, com a graça de Deus, cooperemos na santificação dos outros.

A vida cristã normal — trabalho que é oração, oração que é trabalho — converte-se por completo em apostolado. A relação pessoal com Deus — *face a face, sem anonimato* —, não só não nos impede de preocupar-nos com os outros, como é manancial que tem necessariamente que transbordar, em benefício de todos os homens. “Alguns tentam construir a paz no mundo sem depositarem amor de Deus em seus corações. Desse modo, como será possível levar a cabo uma missão de paz? A paz de Cristo é a paz do Reino de Cristo; e o Reino de Nosso Senhor deve alicerçar-se no desejo de santidade, na disposição humilde de receber a graça, numa esforçada ação de justiça, num divino derramamento de amor”.

Estas são algumas das principais ideias das *Homílias* que se publicam neste volume. Mas não seria honesto

silenciar o que falta. Num texto, não é possível captar plenamente algumas das qualidades da pregação do Fundador do Opus Dei. A sua humanidade, a sua sinceridade imediata, que cativa. A sua entrega aos que o escutam, a sua insistência em que — ao ouvir essas palavras — cada um faça uma oração pessoal com Deus, *com gritos calados*. E o seu realismo cordial, nada ingênuo e, ao mesmo tempo, nada pragmático. Um senso comum pouco comum. O bom humor que aflora sempre, uma alegria contagiosa, a alegria de um filho de Deus.

Mas já são muitos os milhares de pessoas que ouviram diretamente a pregação de mons. Escrivá. Pois, se por um lado não gosta da propaganda e da publicidade, por outro, não tem inconveniente em responder a todos os que o interrogam sobre coisas de Deus. Numa viagem que fez em 1972 pela Espanha e Portugal, iniciada na França, tiveram oportunidade de ouvi-lo, em grupos pequenos ou grandes, mais de cento e cinquenta mil pessoas; em 1970, no México, esteve com cerca de quarenta mil pessoas desse país, dos Estados Unidos e de muitas outras nações americanas; e em Roma, são muitos milhares os que, procedentes da Europa e de outros lugares, tiveram ocasião de ouvi-lo dizer que “todo o trabalho humano honesto, intelectual ou manual, deve ser realizado pelo cristão com a maior perfeição possível... Porque, feito dessa maneira, esse trabalho humano, por mais humilde e insignificante que pareça, contribui para ordenar cristãmente as realidades temporais — para manifestar a sua dimensão divina — e é assumido e integrado na obra prodigiosa da Criação e da Redenção do mundo: o trabalho eleva-se assim à ordem da graça, santifica-se, converte-se em obra de Deus, em *operatio Dei, opus Dei*”.

Leiam-se estas *Homilias* ao calor da recordação desses momentos transcorridos junto de um sacerdote que não sabe falar senão de Deus. E compreender-se-ão nessa altura outros aspectos entranháveis do trabalho pastoral de mons.

Escrivá: a consciência viva de ser apenas um instrumento nas mãos do Senhor; a convicção sobrenatural de que as fraquezas e misérias pessoais — que teremos enquanto vivermos, como ele sempre recorda — não podem ser obstáculo que nos afaste de Cristo, mas estímulo que nos aproxime mais dEle. Numa das homilias ainda inéditas, diz: “Eu não *suporto* nada do Senhor; é Ele que me *suporta*, e me ajuda, e me empurra, e me espera”. E, dirigindo-se aos que o escutavam: “Como não hei de compreender as vossas misérias, se me vejo cheio delas!”

E, por toda parte, como que em contraponto, surge um tema de fundo: o amor à liberdade pessoal. “Sou muito amigo da liberdade... O espírito do Opus Dei, que procuro praticar e ensinar há mais de trinta e cinco anos — dizia em 1963 —, fez-me compreender e amar a liberdade pessoal. Quando Deus Nosso Senhor concede aos homens a sua graça, quando os chama com uma vocação específica, é como se lhes estendesse a mão, uma mão paternal cheia de fortaleza, repleta sobretudo de amor, porque nos procura um a um, como a suas filhas e seus filhos, e porque conhece a nossa fraqueza. O Senhor espera que façamos o esforço de agarrar a sua mão, essa mão que Ele nos estende: Deus pede-nos um esforço, que será prova da nossa liberdade”.

Se Deus respeita a nossa liberdade pessoal, como não havemos nós de respeitar a liberdade dos outros? E principalmente em todas aquelas coisas que se situam no campo — extensíssimo — de um pluralismo de opiniões e de atuações. “Não há dogmas nas coisas temporais. Não combina com a dignidade dos homens tentar fixar umas verdades absolutas em questões em que forçosamente cada um deve contemplar as coisas do seu ponto de vista, segundo os seus interesses particulares, as suas preferências culturais e a sua própria experiência peculiar. Pretender impor dogmas nas coisas temporais leva inevitavelmente a forçar as consciências alheias, a não respeitar o próximo”.

Espero que se publique em breve um segundo volume das *Homilias*. Teremos nessa altura ocasião de considerar de novo a perene realidade da Redenção através das palavras de quem está convencido de que “na vida espiritual, não há uma nova época que se possa atingir. Já está tudo concluído em Cristo, que morreu, e ressuscitou, e vive, e permanece para sempre. Mas é necessário unir-se a Ele, pela fé, deixando que a sua vida se manifeste em nós, de maneira que se possa dizer que cada cristão é, não já *alter Christus*, outro Cristo, mas *ipse Christus*, o próprio Cristo!”

Álvaro del Portillo
Roma, 9 de janeiro de 1973.

* * *

Mons. Josemaria Escrivá, a quem com toda a propriedade chamamos no Opus Dei nosso Padre, concluiu no dia 26 de junho de 1975 o seu peregrinar terreno, para se encontrar definitivamente com Cristo, que o nosso Fundador nos ensinou a ver presente — vivo! — em cada encruzilhada humana.

A partir desse 26 de junho, muitos milhares de pessoas acorreram e acorrem a Roma, para rezar diante do túmulo de quem quis ser sempre romano, católico, universal. Tinha oferecido insistentemente a Deus a sua vida pela Igreja e pelo Romano Pontífice — a quem gostava de chamar, com palavras de Santa Catarina de Sena, *il dolce Cristo in terra* —, e Nosso Senhor escutou-o, levando-o para junto de si. Passou assim da terra — estamos firmemente persuadidos disso — para a Pátria, para a casa do Pai, em companhia de Maria e de José, a quem sempre tanto amou.

No prólogo à primeira edição de *É Cristo que passa*, manifestávamos o desejo de que se publicasse o mais

breve possível um segundo volume destas homilias, que arrastam impetuosamente para o Amor de Deus. O Padre deixou um riquíssimo e abundante material inédito, já preparado para publicação. Teremos por isso ocasião de ler mais escritos de um sacerdote santo que continua a realizar, no Corpo Místico de Cristo, a sua grande e infatigável catequese.

Álvaro del Portillo
Roma, 2 de outubro de 1975.

A VOCAÇÃO CRISTÃ

Homilia pronunciada em 2 de dezembro de 1951,
I Domingo do Advento.

Inicia-se o ano litúrgico, e o introito da Missa propõe-
-nos uma consideração intimamente relacionada com o 1
princípio da nossa vida cristã: a vocação que recebemos.
Vias tuas, Domine, demonstra mihi, et semitas tuas edoce
*me*¹: mostra-me, Senhor, os teus caminhos e indica-me as
tuas veredas. Pedimos ao Senhor que nos guie, que nos
deixe ver os seus passos, para que possamos caminhar para
a plenitude dos seus mandamentos, que é a caridade².

Acredito que vós e eu, ao pensarmos nas circunstâncias
que acompanharam a nossa decisão de nos esforçarmos por
viver integralmente a fé, daremos muitas graças ao Senhor e
teremos a convicção sincera — sem falsas humildades — de
que não houve nisso mérito algum da nossa parte. Em geral,
aprendemos a invocar Deus desde a infância, dos lábios
de pais cristãos; mais adiante, professores, companheiros
e conhecidos ajudaram-nos de mil maneiras a não perder
Jesus Cristo de vista.

Um dia — não quero generalizar; abre o teu coração
ao Senhor e conta-lhe a tua história —, talvez um amigo,
um simples cristão como tu, te tenha feito descobrir um

(1) Ps XXIV, 4; (2) cfr. Mt XXII, 37; Mc XII, 30; Lc X, 27.

panorama profundo e novo, e, ao mesmo tempo, antigo como o Evangelho. Sugeriu-te a possibilidade de te empenhares seriamente em seguir Cristo, em ser apóstolo de apóstolos. Talvez tenhas perdido então a tranquilidade e não a tenhas recuperado, convertida em paz, enquanto livremente, *porque assim te deu na veneta* — que é a razão mais sobrenatural —, não respondeste *sim* a Deus. E veio a alegria, forte, constante, que só desaparece quando te afastas dEle.

Não me agrada falar de escolhidos nem de privilegiados. Mas é Cristo quem fala, quem escolhe. É a linguagem da Escritura: *Elegit nos in ipso ante mundi constitutionem* — diz São Paulo — *ut essemus sancti*³. Escolheu-nos antes da criação do mundo para que sejamos santos. Eu sei que isto não te enche de orgulho, nem te faz sentir-te superior aos outros homens. Essa escolha, raiz da chamada, deve ser a base da tua humildade. Levanta-se por acaso um monumento aos pincéis do grande pintor? Serviram para plasmar obras-primas, mas o mérito é do artista. Nós, cristãos, somos apenas instrumentos do Criador do mundo, do Redentor de todos os homens.

Os Apóstolos, homens comuns

- 2 Anima-me muito considerar um precedente narrado passo a passo nas páginas do Evangelho: a vocação dos primeiros Doze. Vamos meditá-la devagar, pedindo a essas santas testemunhas do Senhor que nos ensinem a seguir Cristo como elas o fizeram.

Aqueles primeiros apóstolos — que me inspiram grande devoção e carinho — eram bem pouca coisa, segundo os critérios humanos. Quanto à posição social, com exceção de Mateus — que certamente ganhava bem a vida e que deixou

(3) Eph I, 4.

tudo quando Jesus lho pediu —, eram pescadores: viviam do dia a dia, labutando pela noite adentro para poderem conseguir o seu sustento.

Mas a posição social é o de menos. Não eram cultos, nem sequer muito inteligentes, pelo menos no que se refere às realidades sobrenaturais. Até os exemplos e as comparações mais simples lhes eram incompreensíveis, e recorriam ao Mestre: *Domine, edissere nobis parabolam*⁴, Senhor, explica-nos a parábola. Quando Jesus, servindo-se de uma imagem, alude ao fermento dos fariseus, imaginam que os está recriminando por não terem comprado pão⁵.

Pobres, ignorantes. E nem sequer simples, despretensiosos. Dentro das suas limitações, eram ambiciosos. Discutem muitas vezes sobre qual deles seria o maior quando, segundo a sua mentalidade, Cristo instaurasse na terra o reino definitivo de Israel. Discutem e exaltam-se durante esse momento sublime em que Jesus está prestes a imolar-se pela humanidade: na intimidade do Cenáculo⁶.

Fé, pouca. O próprio Jesus Cristo o diz⁷. Viram-no ressuscitar mortos, curar toda a espécie de doenças, multiplicar o pão e os peixes, acalmar tempestades, expulsar demônios. E é São Pedro, escolhido como cabeça, o único que sabe responder prontamente: *Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo*⁸. Mas é uma fé que ele interpreta à sua maneira, porque se atreve a fazer frente a Cristo Jesus, para que não se entregue em redenção pelos homens. E Jesus tem de responder-lhe: *Retira-te de mim, Satanás, que me serves de escândalo, porque não tens a sabedoria das coisas de Deus, mas das coisas dos homens*⁹. Pedro raciocinava humanamente, comenta São João Crisóstomo, e concluía que tudo aquilo — a Paixão e a Morte — era indigno de Cristo, reprovável. Por isso Jesus repreende-o e diz-lhe: Não, sofrer não

(4) Mt XIII, 36; (5) cfr. Mt XVI, 6-7; (6) cfr. Lc XXII, 24-27; (7) cfr. Mt XIV, 31; XVI, 8; XVII, 17; XXI, 21; (8) Mt XVI, 16; (9) Mt XXI, 23.

*é coisa indigna de mim; tu pensas assim porque raciocinas com ideias carnavais, humanas*¹⁰.

Mas será que aqueles homens de pouca fé sobressaíam talvez pelo seu amor a Cristo? Não há dúvida de que o amavam, pelo menos de palavra. Por vezes, deixam-se arrebatados pelo entusiasmo: *Vamos nós também e morramos com Ele*¹¹. Mas, na hora da verdade, todos fogem, exceto João, que verdadeiramente amava com obras. Só esse adolescente, o mais jovem dos Apóstolos, permanece junto da Cruz. Os outros não sentiam esse amor tão forte como a morte¹².

Esses eram os Discípulos escolhidos pelo Senhor; assim os escolhe Cristo; assim se comportam antes de que, cheios do Espírito Santo, se convertam em colunas da Igreja¹³. São homens comuns, com defeitos, com fraquezas, com a palavra mais fácil que as obras. E, no entanto, Jesus chama-os para fazer deles pescadores de homens¹⁴, corre-dtores, administradores da graça de Deus.

- 3 Conosco aconteceu algo de semelhante. Sem grande dificuldade, poderíamos encontrar na nossa família, entre os nossos amigos e companheiros — para não me referir ao imenso panorama do mundo —, tantas outras pessoas mais dignas que nós de receber a chamada de Cristo. Mais simples, mais sábias, mais influentes, mais importantes, mais agradecidas, mais generosas...

Eu, ao pensar nisto, sinto-me envergonhado. Mas percebo também que a nossa lógica humana não serve para explicar as realidades da graça. Deus costuma procurar instrumentos fracos, para que se evidencie claramente que a obra é dEle. São Paulo evoca com estremecimento a sua vocação: *E por último, depois de todos, foi também visto por mim, como por um aborto. Porque eu sou o mínimo dos Apóstolos, indigno de ser chamado Apóstolo porque persegui*

(10) São João Crisóstomo, *In Matthaicum homiliae* 54, 4 (PG 58, 537); (11) Ioh XI, 16; (12) Cant VIII, 6; (13) cfr. Gal II, 9; (14) Mt IV, 19.

a Igreja de Deus¹⁵. Assim escreve Saulo de Tarso, homem de uma personalidade e um vigor que a história nada mais fez do que agigantar.

Fomos chamados sem mérito algum da nossa parte, dizia: porque na base da vocação encontra-se o conhecimento da nossa miséria, a consciência de que as luzes que iluminam a alma — a fé —, o amor com que amamos — a caridade — e o desejo que nos sustém — a esperança — são dons gratuitos de Deus. Por isso, não crescer em humildade significa perder de vista o propósito da eleição divina: *ut essemus sancti*, a santidade pessoal.

E agora, partindo dessa humildade, podemos compreender toda a maravilha da chamada divina. A mão de Cristo colheu-nos de um trigal: o semeador aperta em sua mão chagada o punhado de trigo. O sangue de Cristo banha a semente, empapa-a. Depois, o Senhor lança ao ar esse trigo, para que, morrendo, seja vida e, afundando-se na terra, seja capaz de multiplicar-se em espigas de ouro.

Já é hora de despertar

A Epístola da Missa lembra-nos que temos de assumir 4 esta responsabilidade de apóstolos com um espírito novo, cheios de ânimo, despertados. *Já é hora de despertarmos do sono, pois estamos mais perto da nossa salvação do que quando recebemos a fé. A noite avança e o dia aproxima-se. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz*¹⁶.

Dir-me-eis que não é fácil, e não vos faltará razão. Os inimigos do homem, que são os inimigos da sua santidade, tentam impedir essa vida nova, esse revestirmo-nos do espírito de Cristo. Não encontro melhor enumeração dos

(15) I Cor XV, 8; (16) Rom XIII, 11-12.

obstáculos à fidelidade cristã do que a que nos faz São João: *concupiscentia carnis, concupiscentia oculorum et superbia vitae*¹⁷; tudo o que há no mundo é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba da vida.

- 5 A concupiscência da carne não é apenas o impulso desordenado dos sentidos em geral, nem o apetite sexual, que deve ser ordenado e em si não é mau, porque é uma nobre realidade humana santificável. Por isso, nunca falo de impureza, mas de pureza, já que a todos se dirigem as palavras de Cristo: *Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus*¹⁸. Por vocação divina, uns terão de viver essa pureza no matrimônio; outros, renunciando aos amores humanos, para corresponderem única e apaixonadamente ao amor de Deus. Nem uns nem outros, porém, escravos da sensualidade, mas senhores do seu corpo e do seu coração, para poderem dá-los sacrificadamente aos outros.

Ao tratar da virtude da pureza, costumo acrescentar o qualificativo de *santa*. A pureza cristã, a santa pureza, não é o orgulho de nos sentirmos *puros*, não contaminados; é saber que temos os pés de barro¹⁹, ainda que a graça de Deus nos livre dia a dia das ciladas do inimigo. Considero uma deformação do cristianismo a insistência com que certas pessoas escrevem ou pregam quase exclusivamente sobre esta matéria, esquecendo outras virtudes que são capitais para o cristão e, em geral, para a convivência entre os homens.

A santa pureza não é a única nem a principal virtude cristã; no entanto, é indispensável para perseverarmos no esforço diário da nossa santificação; e sem ela não é possível qualquer dedicação ao apostolado. A pureza é consequência do amor com que entregamos ao Senhor a alma e o corpo, as potências e os sentidos. Não é negação, é afirmação jubilosa.

(17) I Ioh II, 16; (18) Mt V, 8; (19) Dan II, 33.

Dizia que a concupiscência da carne não se reduz exclusivamente à desordem da sensualidade: estende-se ao comodismo e à falta de vibração, que impelem a procurar o mais fácil, o mais agradável, o caminho aparentemente mais curto, mesmo à custa de concessões na fidelidade a Deus.

Comportar-se assim equivaleria a abandonar-se incondicionalmente ao império de uma dessas leis — a do pecado — contra a qual nos previne São Paulo: *Encontro, pois, esta lei em mim: quando quero fazer o bem, o mal está junto de mim. Porque me deleito na lei de Deus segundo o homem interior, mas vejo nos meus membros outra lei que se opõe à lei do meu espírito e me subjuga à lei do pecado...* Infelix ego homo!, infeliz de mim! *Quem me livrará deste corpo de morte?*²⁰ Ouçamos o que responde o próprio Apóstolo: *A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor*²¹. Podemos e devemos lutar contra a concupiscência da carne, porque, se formos humildes, sempre nos será concedida a graça do Senhor.

O outro inimigo, escreve São João, é a concupiscência dos olhos, uma avareza de fundo que leva a não apreciar 6
senão o que se pode tocar. São os olhos que ficam como que colados às coisas terrenas, mas são também os olhos que, por isso mesmo, não sabem descobrir as realidades sobrenaturais. Portanto, podemos entender a expressão da Sagrada Escritura como uma referência à avareza dos bens materiais e, além disso, a essa deformação que nos leva a observar o que nos rodeia — os outros, as circunstâncias da nossa vida e do nosso tempo — com uma visão exclusivamente humana.

Os olhos da alma embotam-se; a razão julga-se autossuficiente e capaz de entender todas as coisas prescindindo de Deus. É uma tentação sutil, que se escuda na dignidade da inteligência; da inteligência que o nosso Pai-Deus concedeu

(20) Rom VII, 21-24; (21) Rom VII, 25.

ao homem para que o conheça e o ame livremente. Arrastada por essa tentação, a inteligência humana considera-se o centro do universo, entusiasma-se novamente com o *sereis como deuses*²² e, enchendo-se de amor por si mesma, vira as costas ao amor de Deus.

Deste modo, a nossa existência pode entregar-se sem condições às mãos do terceiro inimigo, a *superbia vitae*. Não se trata simplesmente de pensamentos efêmeros de vaidade ou de amor próprio: é uma presunção generalizada. Não nos enganemos, porque tocamos o pior dos males, a raiz de todos os extravios. A luta contra a soberba deve ser constante, porque, como já se disse graficamente, essa paixão morre um dia depois de a pessoa morrer. É a altivez do fariseu, a quem Deus se recusa a justificar por encontrar nele uma barreira de autossuficiência. É a arrogância que leva a desprezar os demais homens, a dominá-los, a maltratá-los: porque *onde houver soberba, aí haverá também ofensa e desonra*²³.

A misericórdia de Deus

- 7 Começa hoje o tempo do Advento e é bom que tenhamos considerado as insídias destes inimigos da alma: a desordem da sensualidade e da fácil leviandade; o desatino da razão que se opõe ao Senhor; a presunção altaneira, que esteriliza o amor a Deus e às criaturas. Todos estes estados de ânimo são obstáculos certos, e o seu poder perturbador é grande. Por isso a liturgia nos faz implorar a misericórdia divina: *A Ti, Senhor, elevo a minha alma; em Ti espero; não seja eu confundido, nem se riam de mim os meus adversários*²⁴, rezamos no introito. E na antífona do Ofertório repetiremos: *Espero em Ti, não seja eu confundido!*

(22) Gen III, 5; (23) Prv XI, 2; (24) Ps XXIV, 1-2.

Agora que se aproxima o tempo da salvação, é consolador ouvir dos lábios de São Paulo: *Depois que Deus Nosso Salvador manifestou a sua benignidade e amor para com os homens, livrou-nos, não pelas obras de justiça que tivéssemos feito, mas por sua misericórdia*²⁵.

Se percorrermos as Santas Escrituras, descobriremos constantemente a presença da misericórdia de Deus: *enche a terra*²⁶, estende-se a todos os seus filhos, *super omnem carnem*²⁷; *rodeia-nos*²⁸, *antecede-nos*²⁹, *multiplica-se* para nos ajudar³⁰, e foi continuamente *confirmada*³¹. Ao ocupar-se de nós como Pai amoroso, Deus nos tem presentes na sua misericórdia³²: é uma misericórdia *suave*³³, *agradável como a nuvem que se desfaz em chuva em tempo de seca*³⁴.

Jesus Cristo resume e compendia toda a história da misericórdia divina: *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia*³⁵. E em outra ocasião: *Sede misericordiosos, como é misericordioso o vosso Pai celestial*³⁶. Ficaram também muito gravadas em nós, entre tantas outras cenas do Evangelho, a clemência com a mulher adúltera, a parábola do filho pródigo, a da ovelha perdida, a do devedor perdoado... E ainda a ressurreição do filho da viúva de Naim³⁷. Quantas razões de justiça para explicar este grande prodígio! Morreu o filho único daquela pobre viúva, que era quem dava sentido à sua vida e podia ajudá-la na sua velhice. Cristo, porém, não faz o milagre por justiça, mas por compaixão, porque se comove interiormente perante a dor humana.

Que segurança nos deve incutir a comiseração do Senhor! *Clamará por mim e eu o ouvirei, porque sou misericordioso*³⁸. É um convite, uma promessa que não deixará de cumprir. *Aproximemo-nos, pois, confiadamente do trono da graça, a fim de alcançarmos misericórdia e o auxílio da*

(25) Tit III, 5; (26) Ps XXXII, 5; (27) Ecclo XVIII, 12; (28) Ps XXXI, 10; (29) Ps LVIII, 11; (30) Ps XXXIII, 8; (31) Ps CXVI, 2; (32) Ps XXIV, 7; (33) Ps CVIII, 21; (34) Ecclo XXXV, 26; (35) Mt V, 7; (36) Lc VI, 36; (37) Lc VII, 11-17; (38) Ex XXII, 27.

*graça no tempo oportuno*³⁹. Os inimigos da nossa santificação nada conseguirão, porque essa misericórdia de Deus nos protege por antecipado; e se por nossa culpa e fraqueza caímos, o Senhor nos socorre e nos levanta. *Tinhas aprendido a evitar a negligência, a afastar de ti a arrogância, a adquirir piedade, a não ser prisioneiro das questões mundanas, a não preferir o caduco ao eterno. Mas, como a debilidade humana não pode manter um passo decidido num mundo resvaladiço, o bom Médico indicou-te também remédios contra a desorientação, e o Juiz misericordioso não te negou a esperança do perdão*⁴⁰.

Correspondência humana

- 8 É neste clima da misericórdia divina que se desenvolve a existência do cristão. Este é o âmbito do seu esforço por comportar-se como filho do Pai. E quais os principais meios para conseguir que a vocação se fortaleça? Hoje indicar-te-ei dois, que são quais eixos vivos da conduta cristã: a vida interior e a formação doutrinal, o conhecimento profundo da nossa fé.

Vida interior, em primeiro lugar. Como são poucos ainda os que a entendem! Ao ouvirem falar de vida interior, pensam na escuridão do templo, quando não no ambiente rarefeito de certas sacristias. Há mais de um quarto de século, venho dizendo que não é isso. O que descrevo é a vida interior de cristãos comuns, que habitualmente se encontram em plena rua, ao ar livre; e que na rua, no trabalho, na família e nos momentos de lazer permanecem atentos a Jesus o dia todo. E o que é isso senão vida de oração contínua? Não é verdade que compreendeste a necessidade de ser alma de oração, de cultivar uma relação de amizade com Deus que te leve a *endeusar-te*? Essa é a fé

(39) Heb IV, 16; (40) Santo Ambrósio, *Expositio Evangelii secundum Lucam*, 7 (PL 15, 1540).

cristã e assim o compreenderam sempre as almas de oração. Escreve Clemente de Alexandria: *Torna-se Deus o homem que quer o mesmo que Deus quer*⁴¹.

A princípio custará; é preciso esforçar-se por dirigir o olhar para o Senhor, por agradecer a sua piedade paternal e concreta para conosco. Pouco a pouco, o amor de Deus — embora não seja coisa de sentimentos — torna-se tão palpável como uma farpada na alma. É Cristo que nos persegue amorosamente: *Eis que estou à tua porta e bato*⁴². Como anda a tua vida de oração? Não sentes às vezes, durante o dia, desejos de conversar mais devagar com Ele? Não lhe dizes: Depois te contarei isto, depois conversarei sobre isto contigo?

É nos momentos expressamente dedicados a esse colóquio com o Senhor que o coração se expande, a vontade se fortalece, a inteligência — ajudada pela graça — embebe em realidades sobrenaturais as realidades humanas. E, como fruto, surgem sempre propósitos claros, práticos, de melhorar a conduta, de tratar delicadamente, com caridade, todos os homens, de empenhar-se a fundo — com o empenho dos bons esportistas — nesta luta cristã de amor e de paz.

A oração torna-se contínua, como o bater do coração, como o pulso. Sem essa presença de Deus, não há vida contemplativa; e, sem vida contemplativa, de pouco vale trabalhar por Cristo, porque, se Deus não edifica a casa, em vão trabalham os que a constroem⁴³.

O sal da mortificação

Para se santificar, o cristão corrente — que não é um 9 religioso, que não se separa do mundo, porque o mundo é o lugar do seu encontro com Cristo — não precisa de

(41) Clemente de Alexandria, *Paedagogus*, 3, 1, 1, 5 (PG 8, 556); (42) Apoc III, 20; (43) cfr. Ps CXXVI, 1.

hábito externo nem de sinais distintivos. Os seus sinais são internos: a presença de Deus constante e o espírito de mortificação. Na realidade, uma coisa só, porque a mortificação nada mais é que a oração dos sentidos.

A vocação cristã é vocação de sacrifício, de penitência, de expiação. Temos de reparar pelos nossos pecados — quantas vezes não teremos virado a cara para não vermos a Deus! — e por todos os pecados dos homens. Temos que seguir de perto os passos de Cristo: *trazendo sempre em nosso corpo a mortificação*, a abnegação de Cristo, o seu abatimento na Cruz, *para que também em nossos corpos se manifeste a vida de Jesus*⁴⁴. O nosso caminho é de imolação, e nessa renúncia encontraremos o *gaudium cum pace*, a alegria e a paz.

Não contemplamos o mundo com cara triste. Têm prestado um fraco serviço à catequese, talvez involuntariamente, esses biógrafos de santos que queriam encontrar a todo o custo coisas extraordinárias nos servos de Deus, já desde os primeiros vagidos. E contam de alguns deles que na sua infância não choravam, e às sextas-feiras não mamavam, por mortificação... Vós e eu nascemos chorando, como Deus manda; e nos agarrávamos ao peito da nossa mãe sem nos preocuparmos com Quaresmas nem Têmporas...

Agora, com o auxílio de Deus, aprendemos a descobrir ao longo dos dias — aparentemente sempre iguais — *spatium verae poenitentiae*, um tempo de verdadeira penitência; e nesses instantes fazemos propósitos de *emendatio vitae*, de melhorar a nossa vida. Este é o caminho para podermos acolher a graça e as inspirações do Espírito Santo na alma. E com essa graça — repito — vem o *gaudium cum pace*, a alegria, a paz e a perseverança no caminho⁴⁵.

(44) 2 Cor IV, 10; (45) *Gaudium cum pace, emendationem vitae, spatium verae poenitentiae, gratiam et consolationem Sancti Spiritus, perseverantiam in bonis operibus, tribuat nobis omnipotens et misericors Dominus. Amen* (Breviário Romano, oração preparatória para a Santa Missa).

A mortificação é o sal da nossa vida. E a melhor mortificação é a que combate — em pequenos detalhes, durante o dia todo — a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida. Mortificações que não mortifiquem os outros, que nos tornem mais delicados, mais compreensivos, mais abertos a todos. Não seremos mortificados se formos suscetíveis, se estivermos preocupados apenas com os nossos egoísmos, se esmagarmos os outros, se não nos soubermos privar do supérfluo e, às vezes, do necessário; se nos entristecermos quando as coisas não correm como tínhamos previsto. Pelo contrário, seremos mortificados se nos soubermos fazer *tudo para todos, para salvar a todos*⁴⁶.

A fé e a inteligência

A vida de oração e de penitência, e a consideração da 10
nossa filiação divina, transformam-nos em cristãos profundamente piedosos, como crianças diante de Deus. A piedade é a virtude dos filhos, e, para que o filho possa confiar-se aos braços de seu pai, deve ser e sentir-se pequeno, necessitado. Tenho meditado com frequência nesta vida de infância espiritual, que não se contrapõe à fortaleza porque exige uma vontade enérgica, uma maturidade bem temperada, um caráter firme e aberto.

Piedosos, pois, como meninos; mas não ignorantes, porque cada um deve esforçar-se, na medida das suas possibilidades, por estudar a fé com seriedade e espírito científico; e tudo isso é teologia. Piedade de meninos, portanto, mas doutrina segura de teólogos.

O empenho por adquirir esta ciência teológica — a boa e firme *doutrina cristã* — deve-se em primeiro lugar ao desejo de conhecer e amar a Deus. Ao mesmo tempo, é

(46) I Cor IX, 22.

consequência da preocupação geral da alma fiel por descobrir o significado mais profundo deste mundo, que é obra do Criador. Com periódica monotonia, há quem procure resuscitar uma suposta incompatibilidade entre a fé e a ciência, entre a inteligência humana e a Revelação divina. Essa incompatibilidade apenas pode surgir, e só aparentemente, quando não se entendem os dados reais do problema.

Se o mundo saiu das mãos de Deus, se Ele criou o homem à sua imagem e semelhança⁴⁷ e lhe deu uma chispa da sua luz, o trabalho da inteligência — mesmo que seja um trabalho duro — deve desentranhar o sentido divino que já naturalmente têm todas as coisas; e à luz da fé, percebemos também o seu sentido sobrenatural, que procede da nossa elevação à ordem da graça. Não podemos admitir o medo à ciência, porque qualquer trabalho, se for verdadeiramente científico, conduz à verdade. E Cristo disse: *Ego sum veritas*⁴⁸, Eu sou a verdade.

O cristão deve ter fome de saber. Desde o cultivo dos saberes mais abstratos até às habilidades do artesão, tudo pode e deve levar a Deus. Porque não há tarefa humana que não seja santificável, que não seja motivo para a nossa própria santificação e oportunidade para colaborarmos com Deus na santificação dos que nos rodeiam. A luz dos seguidores de Jesus Cristo não deve ficar no fundo do vale, mas no cume da montanha, para que *vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus*⁴⁹.

Trabalhar assim é oração. Estudar assim é oração. Pesquisar assim é oração. Não saímos nunca do mesmo: tudo é oração, tudo pode e deve levar-nos a Deus, alimentar o trato contínuo com Ele, da manhã até à noite. Todo o trabalho honrado pode ser oração; e todo o trabalho que for oração, é apostolado. Desse modo, a alma se robustece numa unidade de vida simples e forte.

(47) Gen I, 26; (48) Ioh XIV, 6; (49) Mt V, 16.